

DE YZALÚ A MC SOFFIA: RAÇA, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE NEGRA NAS COMPOSIÇÕES.

Letícia Taynara dos Santos Silva ¹
Camila dos Anjos Falcão ²

INTRODUÇÃO

O processo de reconhecimento identitário da população negra é algo complexo que não deve ser encaixado em padrões homogêneos e totalizantes, como se existisse apenas uma forma de experimentar a negritude. Pensando nisso, o termo identidade será trazido aqui no plural, identidades. As experiências são individuais, mas também sociais e coletivas, visto que as (os) negras(os) estão imersas(os) numa estrutura racista, sexista e classista. Tais marcadores, atravessam e dilaceram as subjetividades das(os) sujeitas(os) negras(os), promovendo e perpetuando práticas que fazem parte da manutenção do projeto de dominação colonial. As identidades negras brasileiras são atravessadas por processos históricos violentos, como por exemplo, as estratégias de embranquecimento via miscigenação, melhor dizendo, via estupro, praticado por homens brancos contra mulheres negras e indígenas.

Quanto à miscigenação, Carneiro (2011, p. 66-67) problematiza os usos políticos e ideológicos desta na nossa sociedade. A autora discorre sobre dois eixos problemáticos, sendo o primeiro, a omissão do estupro colonial e o segundo, a utilização da miscigenação como instrumento de embranquecimento da população. Em relação ao primeiro, a discussão se desenvolve com a miscigenação dando suporte ao mito da democracia racial, uma vez que reforça a falsa ideia de harmonia entre os grupos étnicos com o argumento de que o fato de homens brancos terem se relacionado sexualmente com mulheres negras e indígenas demonstra nossa tolerância racial. Já o segundo, institucionaliza o que ela chama de hierarquia cromática, onde a(o) mais bem aceita(o) será a menos retinta, mais próxima do ideal branco, enquanto que a mais retinta sofrerá mais discriminação.

Complementando a ideia dos efeitos da miscigenação no imaginário social, Carneiro (2011, p. 67) aponta que a dificuldade de pessoas negras, principalmente pessoas negras de pele

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, contatoleticiatsantos@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, camila.danjos@gmail.com

clara, de se identificarem enquanto negras, está relacionada à aceitação ou não aceitação de sujeitas(os) negras(os) enquadradas(os) na escala hierárquica cromática.

Quanto a identidade em si, Fernandes e Souza (2016, p. 106) a entendem como algo em processo, permanentemente inacabado, que se manifesta através da consciência da diferença e do contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. No processo de construção histórico-social das identidades, são importantes esses dois processos: a consciência da diferença e a consciência da semelhança. A consciência da diferença em suma, é ter consciência de que há na imagem do outro algo de diferente em comparação a sua imagem, e por meio disso se reconhecer enquanto diferente. Já consciência da semelhança se dá através do processo de representatividade, que é encontrar no outro, elementos, características, que estabeleçam a ideia de pertencimento.

Pinto e Ferreira (2014, p. 261) defendem que tomar os processos identitários como categoria de análise é partir da premissa que discutir identidade é discutir transformação, pois comungam da ideia de que não há como pensar em uma identidade definitiva, estável, ou seja, aquilo que é. Nesse sentido, a identidade é ação, um processo dinâmico, histórico e político. Partindo da ideia de algo construído, é importante elucidar alguns processos históricos responsáveis pelos modos como a identidade negra vem se constituindo e se afirmando no contexto atual. Melo e Moita Lopes (2014, p. 544) trazem a importância de se considerar os efeitos semânticos oriundos de processos como a escravidão, a abolição, a Ciência da Raça e do mito da democracia racial. Esses efeitos se tornaram mais sutis, mas não extinguiram, encontram-se no cotidiano, diluídos, naturalizados e difíceis de serem reconhecidos, uma vez que a manifestação destes não é explícita.

Mesmo de forma mascarada, atuam como mecanismos eficazes de reprodução ideológica, marcam as subjetividades dos negros e negras, principalmente no que tange o processo de transformação em sujeitos sociais dessas pessoas diante de normalizações, binarismos e padrões presentes na contemporaneidade, levando em consideração a carga pejorativa, marginalizada, exótica e sexual presentes em tais discursos. Fernandes e Souza (2016, p. 108) apontam que falar de uma identidade estereotipada atribuída ao negro é se referir a algo forjado socialmente com intuito de inferiorizá-lo. É importante frisar que a representação negativa do negro é cunhada no olhar do branco, é o branco quem transforma o negro abjeto.

Ao afirmar que “aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica” (FANON, 2008, p. 104), Franz Fanon relata sua experiência de ser homem negro diante do branco, tendo sua identidade forjada nas representações que a branquitude faz do negro, representações estas,

carregadas de atributos desumanizantes. Considerar alguém como não detentor de ontológica é considerar a falta daquilo que humaniza o sujeito, que faz parte da sua essência. Se tratando mais especificamente das mulheres negras, Melo e Moita Lopes (2014, p. 545) colocam que transformá-las em sujeitos sociais envolve não somente a desconstrução de discursos cristalizados de raça na sociedade, mas também de gênero e sexualidade. Os autores problematizam a existência de um discurso e mito de que a mulher negra seria mais erótica ou mais ardente sexualmente do que as mulheres brancas. Esses discursos constroem a imagem da mulher negra como objeto sexual, hiperssexualizando seus corpos e as colocando em lugares de erotização e fetiche.

Devido esses obstáculos descritos aqui, algumas mulheres negras que conseguem transpor e subverter o sistema e se afirmarem enquanto negras, consideram essa mudança de posição como uma espécie de segundo nascimento, “um renascimento da mulher negra que havia sido sufocada e supostamente influenciada por instituições como a mídia, a família, a escola” (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 562). É nesse cenário de resistência que mulheres negras adotam posicionamentos cada vez mais demarcados, utilizando suas vozes e suas influências no meio artístico para ecoar suas vozes e fazer com que mais mulheres possam repensar sua negritude. Hooks (2019, p. 63) defende a ideia de que amar a negritude como resistência política cria condições para um movimento contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Essa pesquisa é de um estudo qualitativo com base bibliográfica nas letras de músicas que falam sobre o processo de reconhecimento de gênero e raça, realizando um recorte para as composições das artistas Yzalur e MC Soffia e nas obras básicas da Análise do Discurso a ser aplicada em letras de músicas que são recolhidas no repertório nacional.

Os trechos das músicas foram selecionados e a partir da análise foram criadas categorias para entender a interceccionalidade das palavras com problematização de gênero e raça. Entende-se pela análise do discurso que as letras das músicas não é apenas uma decodificação de uma mensagem, mas de uma produção de sentido e significado para o interlocutor. Segundo Pêcheux (1997, p. 258), “um ‘exterior’, bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na ‘esfera da ideologia’, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas”

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Após a leitura e escuta atenta das duas músicas escolhidas, a fim de se debruçar sobre as representações das identidades de mulheres negras foram selecionados trechos em que elementos correspondentes aos modos de ser mulher aparecem, desde elementos externos e estéticos até os mais intimistas e simbólicos.

Enquanto o couro do chicote cortava a carne, a dor metabolizada fortificava o caráter. A colônia produziu muito mais que cativos, fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos. Não fomos vencidas pela anulação social, sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial. O sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada. Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo, as negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo. (YSALÚ, 2012)

Na primeira parte do trecho acima, a compositora remomora o processo de escravização dos corpos negros, elucidando não somente as violências e o processo de dominação, mas também as formas que mulheres negras escravizadas encontram para resistir e não sucumbir à colonização. Dando continuidade às estratégias de resistência, fala-se sobre re-existir mesmo diante da falta de representatividade nos veículos midiáticos e o não reconhecimento diante do esteriótipo da negra-empregada-criada propagado principalmente pelas novelas. Por fim, as especificidades de mulheres negras são trazidas e compara às das mulheres convencionais, uma vez que as primeiras são obrigadas a lidar com outras formas de opressão além do machismo/sexismo. hooks (2019, p. 229) problematiza o conceito universalizante de “mulher”, argumentando que considerá-lo apaga a diferença entre mulheres em contextos socio-políticos específicos.

O movimento feminista negro, sinaliza para a importância do recorte racial dentro do movimento desde a década de 1980, contrariando a lógica essencialista que colocavam as necessidades de mulheres brancas e não brancas num mesmo patamar. Davis (2016, p. 43) tece uma discussão sobre início da campanha pelos direitos das mulheres e sua relação direta com os movimentos abolicionistas e movimento antiescravagista, já que no século XIX estes ganharam a adesão de muitas mulheres brancas. A autora explana os motivos que levaram ao apoio de mulheres brancas nessa luta libertária e revolucionária. Diferentemente do que se podia pensar, estas não abraçaram a causa guiadas por uma força empática inerente a elas, uma espécie de natureza feminina.

O principal fator que culminou para este feito adveio do capitalismo industrial. Sobre isso a autora coloca

Quando a produção manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a ideologia de feminilidade começou a forjar a esposa e a mãe como modelos ideais. No papel de trabalhadoras, ao menos as mulheres gozavam de igualdade econômica, mas como esposas eram destinadas a se tornar apêndices de seus companheiros (...). No papel de

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br



mães, eram definidas como instrumentos passivos para a reposição da vida humana (DAVIS, 2016, p. 45).

As contradições vividas pelas mulheres brancas operárias fizeram com que estas se sentissem cada vez mais oprimidas dentro de seus casamentos. Devido a isso, desenvolveram uma espécie de identificação com o grupo de homens e mulheres negras da época, culminando na adesão ao movimento antiescravagista, visto que este grupo era a personificação, a representação, do aprisionamento e do cárcere. As mulheres brancas privadas dos seus direitos extra-lar, se viam como escravas de seus maridos, instrumentos utilizados para fins de reprodução.

Já nas letras de Mc Soffia, é possível perceber como a estética negra é ressignificada a partir de um olhar da mulher negra sobre ela mesma, um olhar que emana orgulho e autoafirmação

Menina pretinha, exótica não é linda. Você não é bonitinha, você é uma rainha. Devolva minhas bonecas, quero brincar com elas. Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas? Vou me divertir enquanto sou pequena, Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana. Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor. Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor.

A artista desconstrói estereótipos, tais como exótico, construindo uma identidade negra positiva com elementos afrodiaspóricos, a boneca preta é um deles. MC Soffia tem apenas quinze anos e apesar da pouca idade demonstra uma visão crítica sobre a dimensão do racismo e suas nuances. Quanto a habilidade crítica da espectadora, hooks (2019, p. 236) considera que esta surge de um lugar de resistência “apenas quando mulheres negras individualmente resistem de modo ativo à imposição de formas dominantes de ver e de saber” (HOOKS, 2019, p. 236).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões trazidas neste trabalho foi possível perceber como as práticas racistas vem se reconfigurando com o passar do tempo, adquirindo modos mais sutis de atuação e perpetuação, elas não estão extintas. Defender a ideia da não existência dos efeitos nocivos do racismo no processo de reconhecimento identitário de mulheres e também mais uma forma de perpetuá-lo. De mãos dadas com o racismo, tentativas de apagamento da negritude e de silenciamento de mulheres negras emanam dos diversos dispositivos midiáticos e instituições sociais, tais como a escola e a família.

Por fim, elucidamos a importância de movimentos antirracistas e antissexistas no cenário artístico atual, pois nem sempre discussões desenvolvidas no meio acadêmico que tragam essas pautas marginalizadas para o centro, chegaram a espaços subalternizados pelo estado. A música

é também político, é político na medida em que potencializa, ecoa, dissemina vozes de mulheres negras que empoderam outras mulheres negras.

Palavras-chave: raça, gênero, representação, identidades negras.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo e sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo, Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 103-126.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 63, abr, p. 103-120, 2016.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Sthepanie borges. São Paulo, Elefante, 2019.

SOFFIA, MC. **Menina Pretinha**. Mc Soffia - Menina Pretinha [2016] Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko>. Acesso em: 30 out. 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. A performance narrativa de uma blogueira: "Tornando-se preta em um segundo nascimento". **Alfa: Revista de Linguística**, São José Rio Preto, v. 58, n. 3, p. 541-569, 2014.

PÊCHEUX, Michel. O discurso; estrutura ou acontecimento. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1997.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v.9, n.2, dez, p. 257-266, 2014.

YZALÚ. **Mulheres negras**. Mulheres Negras Ao Vivo - DVD PROMO Yzalú [2012]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0>. Acesso em: 30 out. 2019.